Comércio Global em Contexto de Fragmentação Geoeconômica e Riscos Alimentares

El comercio mundial en un contexto de fragmentación geoeconómica y riesgos alimentarios

Global Trade in a Context of Geoeconomic Fragmentation and Food Security Risks

Claudia Chamas e Bernardo Bahia Cesário

Resumo. Este informe analisa desenvolvimentos recentes do comércio global em um contexto de crescente fragmentação geoeconômica e riscos à segurança alimentar. Com base em evidências da UNCTAD (2026), demonstra que o comércio global cresceu de forma robusta em 2025, embora parte desse crescimento tenha sido impulsionada pela inflação, indicando fragilidade subjacente. A erosão da governança multilateral, especialmente na Organização Mundial do Comércio, reflete o avanço do protecionismo e o enfraquecimento da adesão a regras comuns. O informe destaca assimetrias estruturais persistentes, incluindo desequilíbrios comerciais e a posição periférica dos países em desenvolvimento. Examina ainda a disrupção no Estreito de Ormuz e seus efeitos sobre os mercados de fertilizantes, evidenciando a interdependência entre energia e sistemas alimentares. O aumento dos preços e restrições de oferta representa riscos à produção agrícola, sobretudo em economias vulneráveis, reforçando riscos sistêmicos globais.

Palavras-chave: comércio global; fragmentação geoeconômica; governança multilateral; Organização Mundial do Comércio; estreito de Ormuz; segurança alimentar; fertilizantes; mercados de energia; países em desenvolvimento; Sul Global

Resumen. *Este informe analiza los desarrollos recientes del comercio global en un contexto de creciente fragmentación geoeconómica y riesgos para la seguridad alimentaria. Basado en evidencia de la UNCTAD (2026), muestra que el comercio mundial creció de forma robusta en 2025, aunque parte de este crecimiento fue impulsado por la inflación, lo que revela fragilidades subyacentes. La erosión de la gobernanza multilateral, especialmente en la Organización Mundial del Comercio, refleja el aumento del proteccionismo y el debilitamiento del cumplimiento de normas comunes. El informe destaca asimetrías estructurales persistentes, incluidos desequilibrios comerciales y la posición periférica de los países en desarrollo. Asimismo, examina la disrupción en el estrecho de Ormuz y sus efectos sobre los mercados de fertilizantes, subrayando la interdependencia entre energía y sistemas alimentarios. El aumento de precios y las restricciones de oferta representan riesgos para la producción agrícola, especialmente en economías vulnerables.*

Palabras clave: *comercio global; fragmentación geoeconómica; gobernanza multilateral; Organización Mundial del Comercio; estrecho de Ormuz; seguridad alimentaria; fertilizantes; mercados energéticos; países en desarrollo; Sur Global*

Abstract. *This briefing analyses recent developments in global trade in the context of increasing geoeconomic fragmentation and rising food security risks. Drawing on evidence from UNCTAD*

(2026), it shows that global trade expanded strongly in 2025, although part of this growth was driven by inflation, indicating underlying fragility. The erosion of multilateral governance, particularly within the World Trade Organization, reflects growing protectionism and declining adherence to common rules. The analysis highlights persistent structural asymmetries, including trade imbalances and the peripheral position of developing countries. It also examines the disruption of the Strait of Hormuz and its effects on fertiliser markets, underscoring the interdependence between energy and food systems. Rising fertiliser prices and supply constraints pose risks to agricultural production, especially in vulnerable economies, reinforcing systemic global risks and the need for coordinated policy responses.

keywords: *global trade; geoeconomic fragmentation; multilateral governance; World Trade Organization; Strait of Hormuz; food security; fertilisers; energy markets; developing countries; Global South*

A Erosão da Governança Multilateral do Comércio em uma Era de Crescente Protecionismo

O editorial de The Washington Post argumenta que a Organização Mundial do Comércio (OMC) está se tornando cada vez mais irrelevante em um contexto global marcado pelo ressurgimento do mercantilismo e pelo enfraquecimento da adesão às regras multilaterais. O impasse mais recente envolvendo os Estados Unidos e o Brasil em uma conferência da OMC ilustra a fragilidade da instituição, cuja autoridade depende fundamentalmente da conformidade dos membros. O texto enfatiza que a ordem comercial global, antes ancorada em regras compartilhadas, está agora se erodindo, visto que até mesmo a própria liderança da OMC reconhece que o sistema multilateral anterior sofreu transformação irreversível. Essa perda de coerência e previsibilidade sinaliza uma crise sistêmica mais ampla na governança do comércio global. (*The Washington Post*, 2026)

Os Estados Unidos têm desconsiderado o princípio da "nação mais favorecida" da OMC por meio de políticas tarifárias inconsistentes, que oneram desproporcionalmente os consumidores americanos. Essas ações demonstram coletivamente que a credibilidade da OMC está sendo corroída não por atores menores, mas por membros influentes, enfraquecendo assim a legitimidade e a aplicabilidade das regras do comércio internacional. (*The Washington Post*, 2026)

O editorial destaca a paralisia institucional da OMC por meio do colapso das recentes negociações em Camarões, onde divergências entre os Estados Unidos e o Brasil sobre a tributação de bens digitais impediram o consenso. Enquanto os Estados Unidos defenderam uma moratória permanente sobre tais impostos, o Brasil propôs prorrogação temporária, expondo interesses nacionais divergentes que revelam problemas relacionados à reforma, incluindo melhorias nos mecanismos de resolução de disputas. (*The Washington Post*, 2026)

Dinâmica do comércio global em 2025 e perspectivas para 2026

Crescimento robusto, mas parcialmente inflacionário

O *Global Trade Update* da UNCTAD de abril de 2026 registra que o valor do comércio global cresceu cerca de US$ 2,5 trilhões em 2025, atingindo US$ 35 trilhões, uma expansão de aproximadamente 7,5% em relação a 2024. Bens responderam por cerca de US$ 1,8 trilhão desse crescimento (7%), enquanto serviços contribuíram com aproximadamente US$ 700 bilhões (8%). O crescimento manteve-se sólido ao longo de todos os quatro trimestres, com

bens avançando 1,7% e serviços quase 3% na comparação trimestral (QoQ) no quarto trimestre. O *nowcast* para o primeiro trimestre de 2026, apurado em 24 de março de 2026, projeta expansão de 2,5% (bens) e 2% (serviços) QoQ. Entretanto, a inflação comercial — que havia recuado no quarto trimestre de 2025 — retornou a cerca de 1,5% QoQ no primeiro trimestre de 2026, sugerindo que parte do crescimento nominal é impulsionada por preços e não por volumes, o que fragiliza a robustez real da expansão (UNCTAD, 2026a).

Liderança da Ásia Oriental e do Sul-Sul, posição periférica do Brasil

O relatório evidencia que o crescimento em 2025 foi liderado pela Ásia Oriental e pela África, ambas com desempenho superior à média global tanto em exportações quanto em importações. O comércio Sul-Sul expandiu cerca de 9% nos quatro trimestres acumulados, embora esse resultado seja largamente explicado pelo desempenho asiático — quando a Ásia Oriental é excluída, o comércio Sul-Sul cai para aproximadamente 2% no acumulado. O Brasil figura em posição ambígua: as importações de bens recuaram 5% QoQ no quarto trimestre de 2025 (ainda que 7% no acumulado de quatro trimestres), enquanto as exportações cresceram 4% QoQ e 3% no acumulado — um desempenho que reflete o dinamismo das vendas externas, mas também a compressão da demanda interna (UNCTAD, 2026a).

Figura 1 — Crescimento de importações e exportações: desvio percentual em relação à média global, por país e região, 2025



Fonte: UNCTAD, 2026a.

Desequilíbrios bilaterais: Brasil como superavitário perante a China

A análise dos desequilíbrios bilaterais revela que a China mantém superávit comercial de bens de US$ 27 bilhões sobre o Brasil, valor que ampliou US$ 6 bilhões no quarto trimestre

de 2025. Esse dado é de interesse direto para a compreensão da inserção do Brasil nas cadeias globais de valor: o país exporta predominantemente bens primários para a China e importa produtos de maior valor agregado, padrão estrutural que, segundo os dados da UNCTAD, persistiu e se aprofundou ao longo de 2025. Os maiores desequilíbrios bilaterais globais continuam concentrados nas relações EUA-China (US$ 277 bilhões), EUA-Europa (US$ 255 bilhões) e EUA-México (US$ 205 bilhões), ainda que os dois primeiros tenham recuado no período (UNCTAD, 2026a).

Exportações de serviços: ponto positivo do Brasil

No comércio de serviços, o Brasil apresentou desempenho expressivo no quarto trimestre de 2025, com exportações crescendo 9% QoQ e 8% no acumulado de quatro trimestres — resultado acima da média das grandes economias e próximo ao desempenho da Índia (5% QoQ, 10% T4Q) e da África do Sul (6% QoQ, 12% T4Q). As importações de serviços permaneceram estagnadas (0% QoQ, 1% T4Q). Esse resultado sugere que setores como turismo, serviços digitais e serviços profissionais podem estar ganhando relevância na pauta exportadora brasileira, embora o relatório não desagregue setores por país (UNCTAD, 2026a).

Desacoplamento EUA-China e economias "conectoras"

Um dos achados analíticos mais relevantes do relatório refere-se ao desacoplamento comercial entre Estados Unidos e China: o comércio bilateral recuou aproximadamente US$ 170 bilhões em 2025, ou cerca de um quarto do volume de 2024. Ainda assim, o comércio total de ambas as economias continuou crescendo, pois parte dos fluxos foi redirecionada por meio de economias "conectoras" — países cujo comércio com ambos os polos aumentou simultaneamente. Os exemplos mais proeminentes incluem Egito, Camboja, Vietnã e Tailândia. O relatório observa que muito poucos países experimentaram polarização em direção a apenas um dos polos, indicando que a fragmentação geoeconômica permanece setorial e geograficamente seletiva, e não configura um desacoplamento generalizado. Os dados de dependência comercial mostram que a dependência dos EUA em relação à China caiu 3,5 pontos percentuais no acumulado de quatro trimestres, enquanto países como Indonésia (+2,0 p.p.) e Vietnã (+1,5 p.p.) ampliaram sua dependência em relação à China (UNCTAD, 2026a).

Setor manufatureiro, eletrônica e IA: motores do crescimento em 2025

O setor manufatureiro cresceu cerca de 11% em 2025, liderando o desempenho setorial. Dentro do setor, maquinário avançou 16% no acumulado de quatro trimestres, metais de base 28% (impulsionados pelos preços de metais preciosos) e eletrônica 16%, com o subsegmento de ICT crescendo 19% e semicondutores 12%. A demanda por bens relacionados à inteligência artificial emergiu como um dos principais vetores da expansão em eletrônica e semicondutores. Por outro lado, o setor automotivo permaneceu abaixo da média, com veículos elétricos registrando retração de 1% no acumulado, enquanto veículos híbridos avançaram 21%; padrão sugestivo de uma transição ainda em curso e sujeita a tensões comerciais. O comércio de energia relacionada a combustíveis fósseis recuou 9% no acumulado, com petróleo bruto caindo 13% e carvão 27%, enquanto energia eólica cresceu 17% e baterias 8% (UNCTAD, 2026a).

Perspectivas para 2026: desaceleração esperada, riscos assimétricos

A UNCTAD projeta desaceleração considerável do comércio global ao longo de 2026. Os fatores negativos centrais identificados incluem o conflito no Oriente Médio e as perturbações no Estreito de Ormuz (identificado como o principal "vento contrário" ao comércio global no

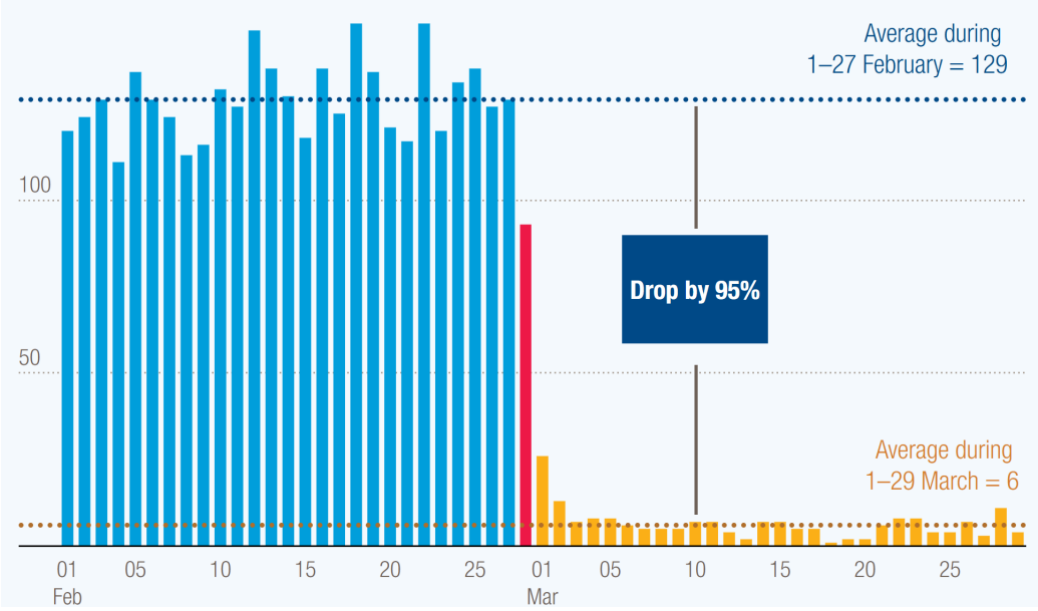
momento); a persistência da incerteza na política comercial dos EUA, com expansão das investigações sob a Seção 301 e renegociações do USMCA; a competição e fragmentação geoeconomica crescente, com governos ampliando controles de exportação, regimes de subsídio e políticas industriais protecionistas; a desaceleração do comércio de serviços; e o endividamento elevado de economias em desenvolvimento, que restringe o espaço fiscal, sufoca o investimento e enfraquece a demanda por importações. No lado positivo, destacam-se a expansão em setores digitais e de IA, a emergência das economias conectoras e a expansão do comércio Sul-Sul (UNCTAD, 2026a).

Do gás ao grão: o Estreito de Ormuz e os riscos para a segurança alimentar

O conflito como evento de ruptura sistêmica

O segundo documento analisado, publicado pela UNCTAD em 30 de março de 2026, examina as consequências específicas do bloqueio do Estreito de Ormuz sobre fertilizantes e sistemas alimentares — desdobramento central do contexto geopolítico que o *Global Trade Update* apenas enuncia. O conflito teve início em 28 de fevereiro de 2026, com ataques dos EUA e de Israel ao Irã, evento que se tornou conhecido como "Operação Força Épica" (*Operation Epic Fury*), e rapidamente restringiu a navegação no estreito. Os trânsitos diários caíram de uma média de 103 embarcações na última semana de fevereiro para dígitos simples em questão de semanas, com queda de mais de 95% (UNCTAD, 2026b; farmdoc daily, 2026).

Figura 2 – Trânsito no estreito de Ormuz está quase parado há um mês – Número total diário de navios transitando pelo estreito



Fonte: UNCTAD, 2026b.

Energia e fertilizantes: a cadeia de transmissão do choque

A lógica analítica central da publicação é a interligação entre mercados de energia e sistemas de fertilizantes: o gás natural é o principal insumo na produção de fertilizantes nitrogenados — especialmente ureia e amônia —, respondendo por aproximadamente 80% dos custos de produção. Com os preços do gás dobrando na Ásia e elevando-se em ritmo equivalente

na Europa desde o início do conflito, os custos de produção de fertilizantes nitrogenados subiram de forma imediata e significativa. Os preços da ureia granulada FOB no Egito — referência global para fertilizantes nitrogenados — saltaram de cerca de US$ 482,50 por tonelada em 27 de fevereiro para aproximadamente US$ 700-720 por tonelada em meados de março de 2026, alta de cerca de 50%. Os preços da amônia na região do Oriente Médio subiram 24%, aproximando-se de US$ 600 por tonelada. A agência de classificação de risco Fitch Ratings elevou suas projeções de preços de ureia e amônia para 2026 em cerca de 25%, alertando para possíveis aumentos ainda maiores em caso de prolongamento do conflito (UNCTAD, 2026b; AA, 2026).

Concentração regional e vulnerabilidade estrutural

A região do Golfo Pérsico desempenha papel duplo na cadeia global de fertilizantes: é tanto produtora quanto rota comercial essencial. Os países da região respondem por 13% das exportações globais de nutrientes nitrogenados e 9% das exportações de fosfatos. Cerca de um terço do comércio marítimo global de fertilizantes (aproximadamente 16 milhões de toneladas) passa pelo Estreito. Além dos fertilizantes nitrogenados, a região é fonte importante de enxofre, insumo utilizado na produção de fertilizantes fosfatados. As estimativas da Kpler e da CRU apontam que o Irã isoladamente responde por 30% do comércio global de ureia, e que Saudi Arábia, Qatar, EAU e Bahrein somam parcela adicional expressiva, o que totaliza cerca de 46% do fornecimento global de ureia oriundo de países cujo acesso ao mercado está diretamente comprometido pelo bloqueio do Estreito. Como resposta ao choque interno, a China — outro grande exportador de fertilizantes — impôs restrições às exportações para proteger seu mercado doméstico, reduzindo ainda mais a oferta global disponível (UNCTAD, 2026b; AA, 2026; CNBC, 2026).

Timing crítico: planting season e risco de impacto duradouro

O elemento mais urgente identificado pela UNCTAD diz respeito ao calendário agrícola. A perturbação coincidiu com o início da temporada de plantio no hemisfério norte, período em que agricultores tipicamente adquirem fertilizantes para a safra seguinte. Caso a disponibilidade seja insuficiente ou os preços elevados inviabilizem a compra, as consequências recairão sobre as colheitas de 2026; e, dado que a resposta de rendimento dos cultivos ao uso de fertilizantes é não linear, reduções modestas na aplicação podem gerar quedas desproporcionalmente grandes na produtividade, especialmente em regiões onde o uso de fertilizantes já é limitado. As projeções da FAO indicam que os preços globais de fertilizantes podem registrar elevação média de 15 a 20% no primeiro semestre de 2026 caso a crise persista. Em um cenário de perturbação por três meses ou mais, a FAO antecipa redução de rendimentos em cultivos intensivos em fertilizantes como trigo, arroz e milho, substituição por culturas fixadoras de nitrogênio (como a soja) e aumento da competição com a produção de biocombustíveis. Mesmo que o Estreito reabra em curto prazo, o reestabelecimento da produção e da logística de fertilizantes pode levar semanas — prazo que os agricultores do hemisfério norte, em período de plantio, não têm disponível (UNCTAD, 2026b; FAO, 2026; Carnegie Endowment, 2026).

Países em desenvolvimento: exposição desproporcional

O impacto distributivo da crise é altamente assimétrico. Os países de menor renda relativa — em particular os PMDs que dependem fortemente de importações de fertilizantes e alimentos — são aqueles com menor capacidade de absorver os choques: espaço fiscal limitado, elevado endividamento externo e acesso restrito a crédito internacional reduzem a margem de resposta à alta de preços de insumos agrícolas. A crise reativa, sob nova configuração

geopolítica, os mesmos mecanismos de transmissão identificados na pandemia de Covid-19 e na guerra na Ucrânia em 2022; quando perturbações nos mercados de energia e insumos agrícolas rapidamente se espalharam para os sistemas alimentares de economias importadoras. Análises de mercado especializadas estimam que países africanos importadores de grãos figuram entre os mais expostos: se as colheitas fossem hipoteticamente afetadas em 5%, o resultado seria provavelmente inflação alimentar severa, não escassez absoluta, mas com impacto concentrado nas populações mais vulneráveis de países emergentes (UNCTAD, 2026b; CNBC, 2026).

Referências

1. UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). Global Trade Update (April 2026): Global trade growth continues, but fragility rises. Disponível em: https://unctad.org/publication/global-trade-update-april-2026-global-trade-growth-continues-fragility-rises
2. UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). From gas to grain: fertilizer disruptions raise risks for food security and trade. Genebra: UNCTAD, 30 mar. 2026. Disponível em: https://unctad.org/news/gas-grain-fertilizer-disruptions-raise-risks-food-security-and-trade.
3. FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). FAO Chief Economist warns of severe global food security risks from disruption to Strait of Hormuz trade corridor. Roma: FAO, mar. 2026. Disponível em: https://www.fao.org/newsroom/detail/fao-chief-economist-warns-of-severe-global-food-security-risks-from-disruption-to-strait-of-hormuz-trade-corridor/en.
4. ARITA, S. et al. Strait of Hormuz closure and fertilizer supply risks for U.S. agriculture. *farmdoc daily*, Urbana-Champaign: University of Illinois, v. 16, n. 48, 23 mar. 2026. Disponível em: https://farmdocdaily.illinois.edu/2026/03/strait-of-hormuz-closure-and-fertilizer-supply-risks-for-us-agriculture.html.
5. ANADOLU AGENCY (AA). Strait of Hormuz crisis threatens world fertilizer supply chain. 25 mar. 2026. Disponível em: https://www.aa.com.tr/en/world/strait-of-hormuz-crisis-threatens-world-fertilizer-supply-chain/3875786.
6. CNBC. It's not just oil and gas. The Strait of Hormuz blockage is rattling another vital commodity. 25 mar. 2026. Disponível em: https://www.cnbc.com/2026/03/25/fertilizer-price-iran-war-food-security-inflation-urea-potash-nitrogen-farmers.html.
7. GORDON, N. J.; CORTHELL, L. Fertilizer isn't getting through the Strait of Hormuz, which could lead to a global food crisis. *Carnegie Endowment for International Peace*, mar. 2026. Disponível em: https://carnegieendowment.org/emissary/2026/03/fertilizer-iran-hormuz-food-crisis.
8. THE WASHINGTON POST. Uma Organização Mundial do Comércio é irrelevante quando ninguém segue suas regras. Washington, 6 de abril de 2026. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/opinions/2026/04/06/wto-trade-usa-china-brazil/.